

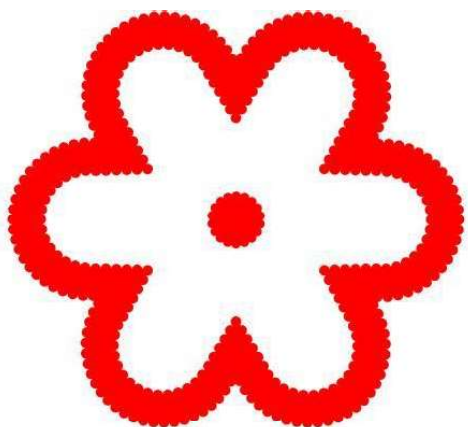


BORDADO DE GUIMARÃES

Caderno de Especificações

Revisão de Graça Ramos e Ana Pires
Associação Portugal à mão
2021

Enquadramento histórico-geográfico da produção
Texto de Isabel Maria Fernandes e Maria José Meireles
Museu de Alberto Sampaio



Índice

Introdução.....	3
1. Nome ou denominação de venda do produto.....	4
2. Enquadramento histórico-geográfico da produção, considerando a respetiva origem e/ou o seu vínculo ao centro difusor mais relevante.....	5
3. Delimitação geográfica da área de produção.....	11
4. A identificação e caracterização das matérias-primas utilizadas.....	12
5. Identificação das principais características físicas dos produtos.....	13
6. Descrição do modo de produção, designadamente técnicas, ferramentas utilizadas e equipamento auxiliares.....	15
7. Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto.....	53

Introdução

No ano de 2006 foi elaborado pela Oficina CIPRL e pelo Museu Alberto Sampaio o caderno de especificações para a certificação do bordado de Guimarães, documento normativo que iria regular a implementação do sistema de certificação desta produção artesanal tradicional.

Neste seguimento, a Oficina, CIPRL, entidade promotora de certificação do Bordado de Guimarães, apresentou ao INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial, em 03 de abril de 2006, o pedido de Registo da Indicação Geográfica “Bordado de Guimarães”, pedido esse que foi publicado no Boletim da Propriedade Industrial em maio de 2006. Esse documento esteve na base da concessão do registo da IG – Indicação Geográfica nº 148 “Bordado de Guimarães” e tem servido de instrumento regulador para implementação do processo de certificação pelo Organismo de Certificação.

Passados mais de 10 anos e em sede de reunião da Comissão de Acompanhamento do processo de certificação, órgão que funciona sob a égide do Organismo de Certificação com representantes da entidade promotora, das artesãs, do CEARTE/IEFP e da Associação Portugal à Mão, foi entendido que o referido documento carecia de revisão no sentido de se adaptar às realidades constatadas no território e de contemplar algumas correções e introduções que a prática e o conhecimento mais apurado da situação têm vindo a exigir.

Assim, e no sentido de responder a esta necessidade de adequação do documento a uma realidade hoje mais conhecida e abrangente, apresenta-se a revisão do Caderno de Especificações para a certificação do Bordado de Guimarães, sendo certo que, com a presente atualização, o mesmo irá passar a cumprir a sua função de forma mais eficaz e eficiente, contemplando a identificação e caracterização rigorosas desta produção artesanal, com referência aos respetivos parâmetros de qualidade e genuinidade e tendo em conta os anos de experiência que o processo de certificação já aferiu e validou.

1. Nome ou denominação de venda do produto

O Bordado de Guimarães é um produto artesanal único, com uma imagem forte e singular facilmente identificável no conjunto dos bordados portugueses. Trata-se, no essencial, de um bordado monocromático cujos pontos relevados constroem motivos quase exclusivamente vegetalistas, estilizados ou geometrizados.

Refletindo essa imagem emblemática, o logótipo desenvolvido inicialmente e a denominação de venda do produto mantêm-se, como a seguir se demonstra.



2. Enquadramento histórico-geográfico da produção, considerando a respetiva origem e/ou o seu vínculo ao centro difusor mais relevante

O bordado que hoje designamos como bordado de Guimarães, nasceu do mesmo modo que muitos outros produtos e designações de produtos – fruto da vontade dos homens e das condições do território que o viu nascer.

Como sucede com outras obras coletivas, sejam elas alimentares ou artefactos utilitários, é difícil definir-lhe a hora e o local exatos de nascimento e, ainda menos, conhecer-lhe a paternidade. Digamos que o bordado de Guimarães, tal como muitos outros produtos regionais portugueses é fruto de um conjunto vasto de fatores, que se foram conjugando no tempo e no espaço e que contribuiriam para que, hoje e aqui, ele mereça o nosso olhar atento e o nosso afeto.

Guimarães foi terra propícia à fixação dos homens. O território permitiu, para além do cultivo dos produtos essenciais para a alimentação, o desenvolvimento de uma série de indústrias também necessárias à vida das populações. No burgo vimaranense e nos seus arredores habitavam variados mesteres – ferreiros, oleiros, ourives, sapateiros, cutileiros, curtidores, tecelões, espingardeiros, pedreiros, escultores... – os quais, a par de uma nobreza e clero influentes, fizeram de Guimarães um entreposto comercial de certa importância.

Podemos afirmar que o bordado de Guimarães é antes de mais produto de um território fértil em águas e em terras úberes para receberem o cultivo do linho. De facto, a riqueza natural do território vimaranense vai ser propícia à fixação do homem e é esse homem que vai encontrar, no seu engenho e neste território, os meios necessários ao cultivo do linho e à feitura do pano. Essas mesmas águas que alimentam um sem fim de rios e riachos também facilitaram o estabelecimento de engenhos do linho onde, desde tempos arcaicos, se produzia um bom pano que servia as terras vimaranenses e muitas outras por esse Norte fora.

O linho, como sabemos, é o suporte vulgarmente usado para conter o bordado de Guimarães. E, se ao linho em terras vimaranenses podemos apontar data longínqua (no foral dado por D. Henrique a Guimarães, em 1096, este já aparece referido), o mesmo não podemos afirmar quanto

ao bordado. Encontramos referências documentais a tecidos bordados existentes em solo vimaranense desde o século X, mas, temos que esperar pelo final do século XIX, para encontrarmos a primeira referência documental a bordados feitos em solo vimaranense.

Não se faria, antes dessa data, bordado em Guimarães? É provável que sim, mas os documentos pouco nos contam. E, se pouco sabemos sobre o bordado feminino realizado em Guimarães antes do último quartel do século XIX, também pouco sabemos sobre o que se bordava, onde se bordava, quem bordava e como se bordava no resto do País.

O que subsiste de séculos anteriores é geralmente peças de traje civil, mas principalmente paramentaria religiosa, de um modo geral ricamente bordadas e feitas por mestres tecelões nacionais e estrangeiros. Poucos vestígios chegaram até nós, quer do traje civil usado pelo povo e pela burguesia de menores posses, quer da roupa doméstica usada no lar de cada um. Estes têxteis, se até nós houberam chegado em maior quantidade, poderiam dar-nos a conhecer o que era o bordado feminino desses tempos, em que ocupavam as mãos as senhoras das diversas classes sociais de então.

Mas, se não existe nenhum exemplar bordado, há pelo menos alguma referência documental ao que hoje designamos como bordado de Guimarães? Não, não há. Até porque, como constataremos de seguida, o «bordado de Guimarães» parece só começar a ganhar alma no final do século XIX, início do século XX. É só nessa altura que encontramos as suas raízes.

Quer-nos parecer que o bordado de Guimarães entronca no que designamos por «bordado rico», ou seja, um bordado executado a linha branca normalmente sobre pano de linho cru e fino, por vezes de origem estrangeira, e no qual são utilizados diversos pontos minuciosa e delicadamente bordados por mãos femininas bem treinadas. O termo «bordado rico» é usado ainda hoje pelas bordadeiras vimaranenses, querendo com ele fazer a distinção entre o bordado atrás descrito – o «bordado rico», e o bordado popular, executado pelo povo e para o povo. Este «bordado rico» português, em que eram feitos os bragais das jovens casadoiras da burguesia e da nobreza endinheirada oitocentista, fazia-se e usava-se em todo o País, talvez com sentidas influências dos bordados de outros países europeus.

No entanto, até ao momento, está por fazer a história geral deste bordado rico português, a branco – os locais de produção, os modelos utilizados...

O bordado rico, executado por senhoras vimaranenses e destinado a ornamentar principalmente roupa de cama e roupa interior, esteve presente na Exposição Industrial de Guimarães, que

decorreu na cidade, em 1884, e que é documentalmente referido em diversos textos. Mas, naquela exposição não foram expostas peças usadas pelo povo – a camisa do lavrador, a camisa e o colete de «rabichos» (também designados «rabos») da lavradeira. Na exposição industrial apareceu apenas o «bordado rico», e, é a este e aos seus pontos que julgamos ter ido o «bordado de Guimarães» beber influências.

Na sua origem documentada, que podemos situar no final do século XIX início do século XX, o bordado de Guimarães, que nestes seus primórdios talvez fosse preferível designar por «bordado popular de Guimarães» vai ser utilizado principalmente no traje do povo. Vai ornamentar a camisa de linho do lavrador, numa zona muito específica, o *peitilho*, bordado profusamente à cor branca, e complementado pela utilização da cor vermelha no nome bordado na ratoeira ou tabuleta. Era vulgar o nome bordado na tabuleta ser executado a ponto de cruz e não em bordado de Guimarães.

O Bordado popular de Guimarães vai também ornamentar quer a camisa da mulher rural (usando-se linha de cor branca, mas podendo também ser bordada no peitilho, com a mistura de bordado a branco e a vermelho, esta última cor apenas num ou outro motivo) quer o seu colete de rabos (usando-se neste caso, isoladamente, a cor vermelha, azul ou preta).

Neste bordado – que como vemos podia ser por vezes bordado a duas cores (mas apenas no caso das camisas) –, eram usadas as cores branca, bege, vermelha, azul e preta (cor usada na colete de rabos caso a mulher fosse viúva), de belo efeito decorativo mas sem grande rigor de execução, utilizando-se pontos do dito «bordado rico» e preenchendo-se, por vezes, quase completamente o tecido.

Haveria este bordado antes do final do século XIX início do século XX? Desconhecemos. Como já atrás referimos o bordado popular vimaranense anterior ao final do século XIX não chegou até nós. Ao serviço de classes sociais de menores recursos, o traje bordado, a existir, foi usado enquanto foi possível e, em muitos casos, acompanhou o seu dono até à tumba.

Por outro lado, quer-nos parecer que o bordado popular de Guimarães, no qual entronca diretamente o «bordado de Guimarães», deve ter surgido com a vulgarização da linha de algodão, o que sucede na 2.ª metade do século XIX e corresponde à implementação da indústria têxtil em Guimarães. O algodão substitui, provavelmente, o bordado a lã, e isto, por vários motivos – resiste muito melhor ao uso, e conserva-se durante mais tempo.

Utilizar-se-ia este bordado apenas no traje popular vimaranense ou seria ele também usado no traje rural dos concelhos em redor de Guimarães? Também para esta pergunta não temos resposta cabal, sendo certo que até ao momento não encontramos referências documentais a este tipo de bordado popular vimaranense a linha de algodão nos concelhos mais próximos como Braga, Famalicão, Póvoa de Lanhoso ou Barcelos, apesar de conhecermos uma camisa de homem bordada com bordado de Guimarães numa coleção particular de Braga, mas sem que seja possível dizer qual a sua proveniência de fabrico ou de uso. Talvez este modo de bordar a camisa do homem, e a camisa e o colete de rabos da mulher fosse também utilizado, por exemplo, em Felgueiras, cujo território e cujas gentes estão desde há muito anos ligados à cidade vimaranense e que sabemos produzirem, desde as primeiras décadas do século XX, o bordado de Guimarães. Quanto mais não seja, é difícil espartilhar um tipo de bordado dentro de fronteiras criadas de modo administrativo. O mais certo é que o bordado que hoje designamos por bordado de Guimarães correspondesse ao gosto de uma região, de uma época, à moda no trajar e ao gosto pessoal de quem o usava. Por isso, se bem que seja seguro afirmar que o bordado de Guimarães se produzia no concelho de Guimarães, não é seguro dizer que a ele se confinava. Quanto mais valorizado é um produto – ou porque é moda, ou porque é interessante a sua relação qualidade preço, ou porque é interessante a relação uso/ergonomia –, maior é a sua área de influência.

Mas outras perguntas deverão ser feitas. O bordado de Guimarães apenas se aplicaria na camisa do homem, e na camisa e no colete de rabos da mulher? Não seria também utilizado para bordar outras peças? De novo os documentos e os bragais são mudos, ou quase mudos. Manuel de Melo Nunes Gerales, em 1913, refere a produção do «bordado de Guimarães», a recheio e a crivo em Vila Cova da Lixa, Vila Fria e «sobretudo em Figueiró da Lixa, concelhos de Felgueiras e Amarante, precisando que aí faziam «o serviço completo de quarto (um lençol, uma toalha de rosto e quatro travesseiros), quer bordado em recheio, quer em crivo, trabalho que leva, termo médio, quinze dias a fazer».

De facto, a primeira referência conhecida ao termo «bordado de Guimarães» surge em 1913, no livro do autor acima citado. Mas, será que ele chama bordado de Guimarães ao bordado que encontramos nas camisas de lavrador, e nas camisas e nos coletes de rabichos da mulher?

É apenas na década de 40 do século XX que o «bordado de Guimarães» começa a merecer a atenção de estudiosos como A. L. de Carvalho, o qual dedica aos «bordados de Guimarães» várias páginas, referindo quer os bordados «em cheio» quer «em crivo», e apresentando diversos

desenhos. O bordado de Guimarães começa a ganhar nome e a ele se passam a referir vários autores: Alfredo Guimarães, em 1940, sem contudo o designar como tal; Calvet de Magalhães, em 1956, que inclui no «bordado de Guimarães»: o bordado de crivo, o de canutilho, e o cheio; e Clementina Carneiro de Moura, em 1961. Esta autora informa que «os bordados apareceram no mercado não há muitos anos, mas a indústria local encontra-se em pleno desenvolvimento, o que é a prova de bom acolhimento que o público lhes faz. Atualmente estes bordados aparecem alguns só em branco; outros em cru e ainda outros em cinzento, todos eles de efeito discreto e agradável. Esta é a primeira e única autora que conhecemos a referir a utilização do cinzento no bordado de Guimarães. É de facto entre as décadas de 40 e 60 do século XX, depois de artigos como o de A. L. de Carvalho e de Maria Clementina de Moura, e da aprendizagem teórico-prática feita pelas alunas da Escola Francisco de Holanda no curso de Formação Feminina, no final dos anos 50, que se principia a teorização e a estabelecimento de normas para a execução do bordado de Guimarães. Começa nessa altura a buscar-se as características do bordado de Guimarães, a teorizar uma arte que era do povo e ao povo servia. É então que se lhe pesquisam tanto os motivos e os pontos que o caracterizam como aquilo que o torna diferente de outros bordados, por exemplo do bordado de Viana. É, de facto, uma época em que, em Portugal, se procura sintetizar o que se entende ser a «arte popular» de cada localidade ou região – o galo de Barcelos, o bordado de Viana do Castelo, as rendas de Vila do Conde, o bordado de Guimarães. Também sabemos que o «bordado de Guimarães» extravasa as fronteiras concelhias e é produzido, em quantidade não despreciada no concelho de Felgueiras. Nada que espante. Com outros produtos tem sucedido fenómeno semelhante: o artefacto produzido numa região mais vasta, adquire o nome de um local mais conhecido por todos e onde é mais comercializado (assim sucede com o Vinho do Porto ou com a alheira de Mirandela). Guimarães é terra de pergaminhos, terra de indústria, terra de comércio, terra rica, por isso, não se pode estranhar que, quando por motivos da industrialização oitocentista, as mulheres do mundo rural vimaranense começam a empregar-se nas fábricas, os comerciantes de Guimarães se virem para terras mais distantes e mais rurais – várias freguesias do concelho de Felgueiras – para encontrarem a mão-de-obra de que necessitavam para produzir o bordado de Guimarães, que possuía um mercado de venda consolidado – Porto, Lisboa e outros mercados ricos do País.

Já em 1913, Manuel de Melo Nunes Geraldês atenta nessa produção executada no concelho de Felgueiras: «Muito naturalmente perguntamos a nós próprios, porque se localizaria esta indústria

nesta região tão pobre e retirada, que é Figueiró da Lixa. Achamos a resposta provável na vinda para aí de vimaranenses conhecedores desse género de trabalhos, e que, pelas menores exigências do meio, começaram de produzir mais barato, e como consequência a deslocação da indústria de Guimarães para ali». Deixou, por isto que atrás se indica, de ser este bordado, «bordado de Guimarães»? Não, de maneira nenhuma! Como tudo na vida, o bordado de Guimarães foi-se adaptando a novos usos e a nova clientela.

O bordado que hoje se produz em Guimarães, mas também em Felgueiras é a evolução do bordado popular usado nos trajes rurais vimaranenses, desde pelo menos o final do século XIX início do século XX, e que por sua vez foi influenciado pelo bordado rico oitocentista. Hoje o bordado de Guimarães, tem características bem definidas – nos materiais (suporte e linha), nos motivos, na gama de pontos utilizados, nas cores usadas isoladamente (branco, bege, azul, vermelho e cinzento), na perfeição do desenho e da execução – e um mercado seguro que se pretende venha a ser alargado.

3. Delimitação geográfica da área de produção

O bordado de Guimarães extravasa os limites do concelho vimaranense e produziu-se ou produz-se também nos seguintes concelhos:

Distrito de Braga:

Guimarães

Braga

Póvoa de Lanhoso

Fafe

Vizela

Vila Nova de Famalicão

Distrito do Porto:

Felgueiras

Amarante

Lousada

Santo Tirso



Estes concelhos do Distrito do Porto encontram-se na área de influência do bordado de Guimarães, quer por neles existirem núcleos de produção de bordado de tipologia vimaranense, quer por estes territórios se encontrarem, desde há muito, ligados ao foco produtor original, pelas intensas relações comerciais (devido ao facto de funcionarem como reservatório de mão de obra qualificada).

4. Identificação e caracterização das matérias-primas utilizadas

Na definição dos materiais que compõe o bordado de Guimarães consideraram-se dois aspectos: o suporte sobre o qual se borda e o fio usado para bordar. Todavia, a principal característica do bordado de Guimarães reside na especificidade dos pontos, na composição dos motivos e na utilização monocromática da cor.

4.1. Suporte

Os tecidos de suporte utilizados no bordado de Guimarães são o linho artesanal ou industrial (sendo o mais vulgar o «Linho 20»), o meio linho, o algodão e a seda. Interessa aqui salvaguardar que, qualquer que seja o tecido escolhido, ele tem que ser maleável, sendo totalmente de evitar tecidos rígidos que comprometam a qualidade de bordado.

Quanto às cores do tecido de suporte, tradicionalmente utilizavam-se todas as cores da paleta que vai do bege ao branco. No entanto, e tendo em conta o desenvolvimento e evolução do bordado de Guimarães (produção tradicionalmente muito rígida, estática e repetitiva), há a considerar a possibilidade da introdução de cor no suporte. Todavia, este assunto será considerado no capítulo sobre as condições de inovação.

4.2. Fio

O bordado de Guimarães utiliza quase exclusivamente o fio de algodão mercerizado, Perlé 8. No entanto, e para trabalhos mais minuciosos que requeiram linha mais fina, podem utilizar-se meadas de filoselle e, neste caso, retiram-se os cabos necessários para a espessura que se pretende. Pode ainda, e para trabalhos pontuais e mais requintados, bordar-se a fio de seda.

Quanto à cor das linhas, o bordado de Guimarães é sempre monocromático. As cores tradicionalmente usadas são o branco, vermelho, azul, bege, cinza e preto. No entanto, e quando se considerar a possibilidade de inovação (cujas condições são aquelas expostas no ponto 7 deste documento), prevê-se a hipótese de se poder bordar com novas cores.

5. Identificação das principais características físicas dos produtos

O bordado de Guimarães caracteriza-se por uma grande diversidade quanto às formas e às dimensões das peças bordadas; o desenho tem cariz geometrizado ou estilizado; as composições são geralmente simétricas (mas não obrigatoriamente); recorre ao uso de um conjunto de pontos entre 21 pontos possíveis e à utilização de motivos recorrentes tais como folhas, flores, grinaldas, corações, silvas, figuras geométricas, aves, entre muitos outros.

5.1. Tipologia e forma das peças mais executadas

O Bordado de Guimarães é uma decoração têxtil que se concretiza num suporte de natureza têxtil, o qual pode apresentar variadas tipologias. As mais usuais na atualidade são:

Argola de guardanapo

Avental de garrafa

Babete de caneca ou garrafa

Base de caneca ou copo

Bomboneira

Caixa de lenços

Camilha

Corredor de mesa

Cortinados

Individual

Jogo de banho

Lenço de namorados

Lençol

Marcador de livros

Naperão

Panos variados (cesto do pão, pão-de-ló)

Peças de vestuário (vestidos, camisas, blusas, calças, saias, adereços)

Porta-lenços

Porta-óculos

Porta-roló

Queijeira

Sacos variados (de amêndoas, de cheiro, de garrafa, de guardanapo, de nozes, do pão)

Sanefas

Tapa-roló

Tira de garrafa ou de tabuleiro

Toalha de batizado

Toalhas variadas (de mesa, de chá, de franja, demãos, de rosto)

Sublinhe-se, que estas tipologias foram definidas ao longo do tempo, nada obstando ao surgimento de outras.

6. Descrição do modo de produção, designadamente técnicas, ferramentas utilizadas e equipamento auxiliares

6.1.Técnica e pontos

O bordado de Guimarães caracteriza-se pelo uso de 21 pontos (abaixo referidos), sendo frequente a utilização de uma gama variada de pontos numa mesma peça. Essa diversidade de pontos e a qualidade da sua execução é que conferem ao bordado de Guimarães a sua singularidade.

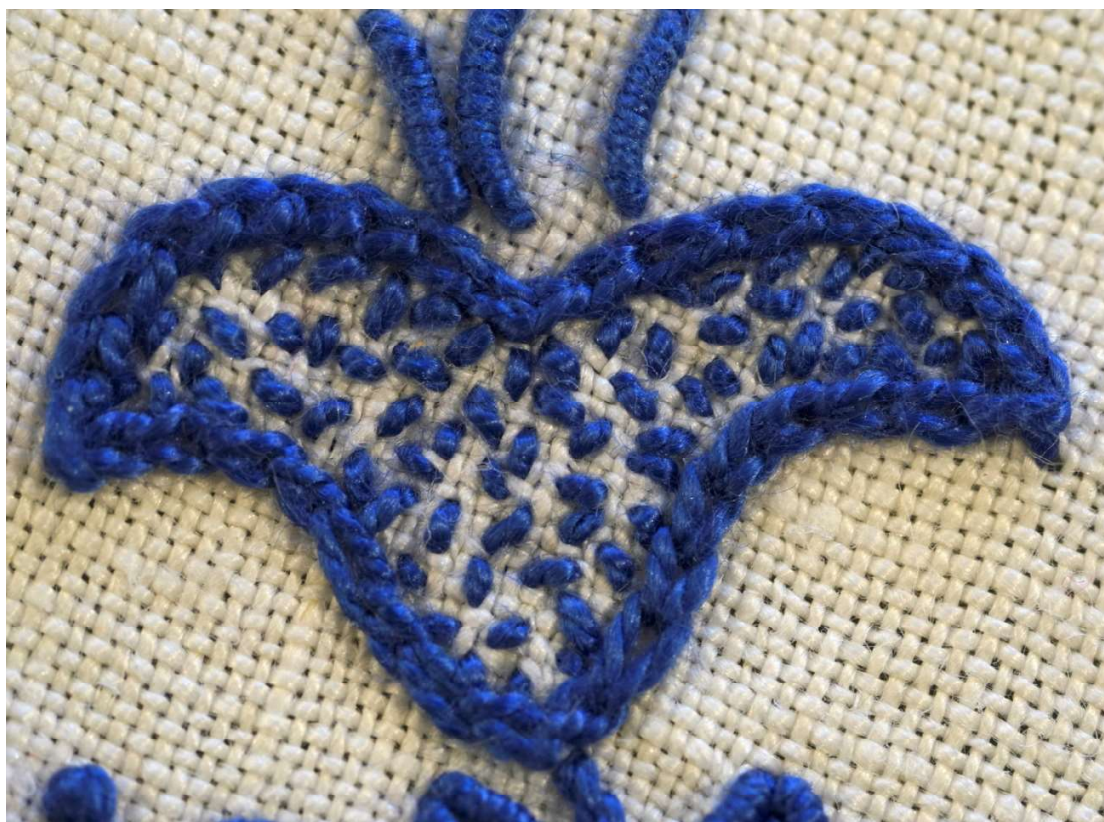
O bordado de Guimarães distingue-se, sobretudo, pelo trabalho dos pontos que conferem relevo aos motivos e composições. Este fator é essencial para a singularidade deste bordado podendo classificar-se certos pontos que servem para delinear o desenho (exemplo do ponto de pé-de-flor, cadeia e formiga) e outros usados para o preencher (tais como o cheio, canutilho, nozinho e veludo).

Note-se também que, e apesar da variedade de pontos, há um que é de utilização quase obrigatória e com uma expressão muito relevante no bordado de Guimarães – o ponto de canutilho.

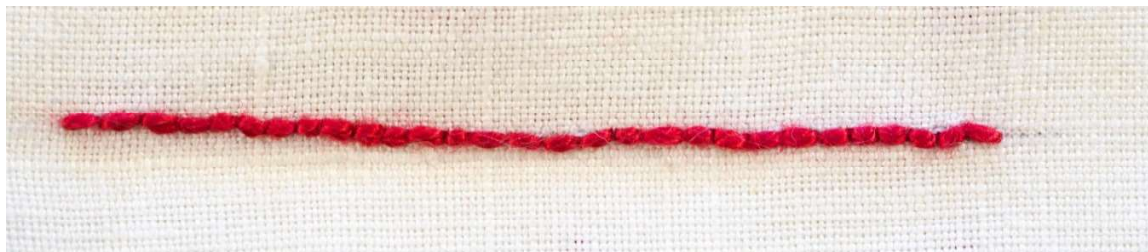
Atualmente caído em desuso, pela morosidade da sua execução, o ponto de gradinha, deverá ser mais utilizado. A sua presença nas peças mais antigas, aquelas que enformaram de modo decisivo a emergência de uma imagem específica para o Bordado de Guimarães, assim o exige. De facto, a gradinha e o ponto de canutilho foram aqueles pontos que, associados aos desenhos então bordados, mais contribuíram para a originalidade e singularidade do Bordado de Guimarães no conjunto dos Bordados Portugueses.

O ponto de cruz aparece-nos somente na *ratoeira* das camisas, cujo *peitilho* é profusamente decorado com bordado de Guimarães. Por esta razão o ponto de cruz só poderá ser aplicado deste modo, completando o monograma ou letras que muitas vezes se encontram na *ratoeira*.

1. Areia



2. Atrás



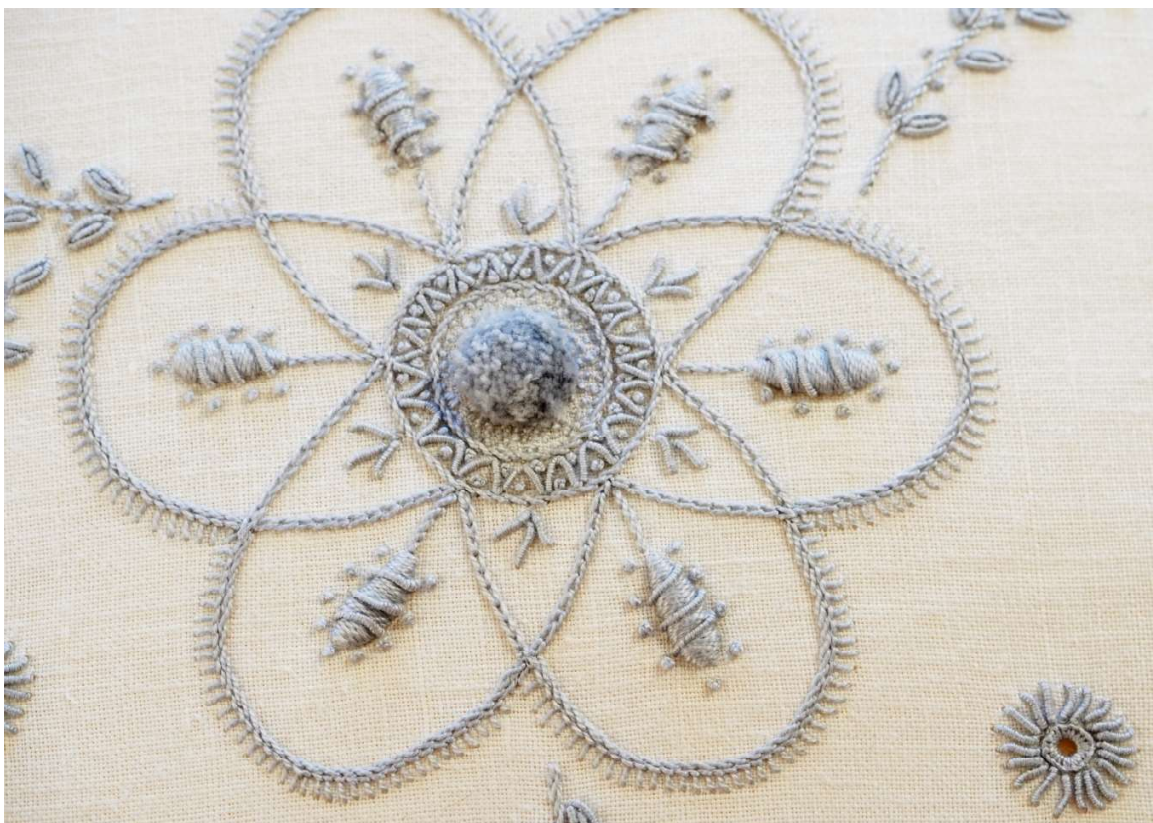
3. Cadeia



4. Canutilho



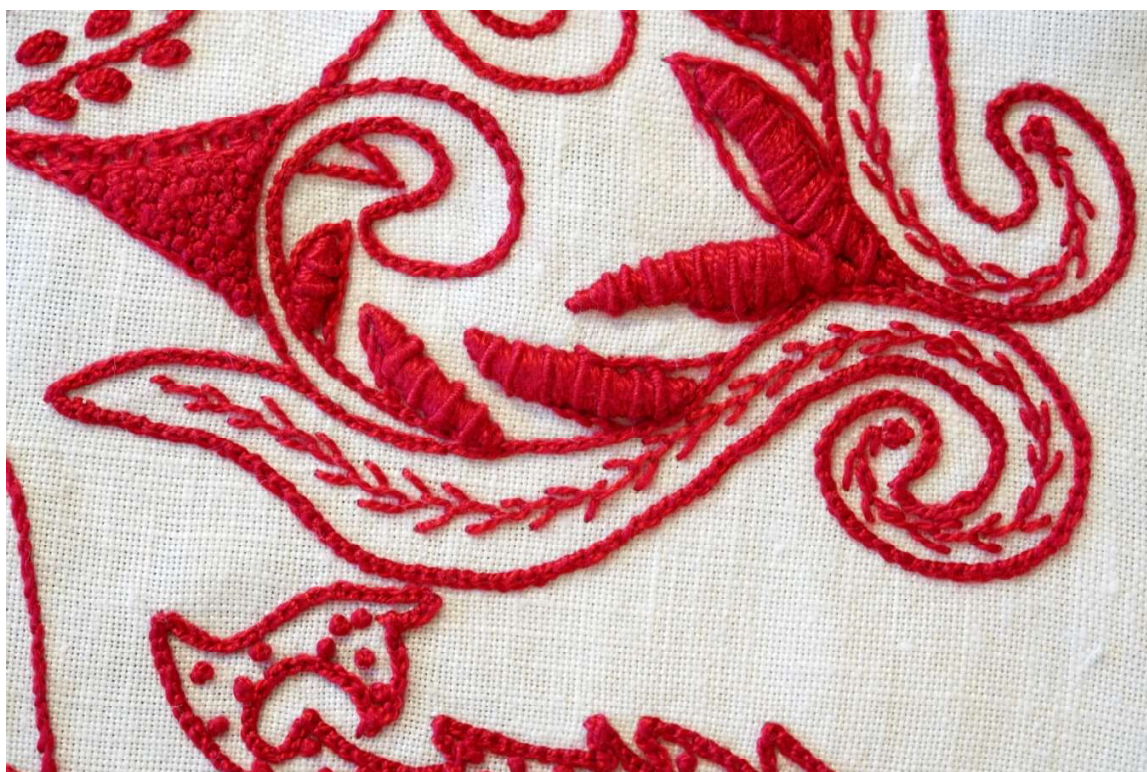
5. Caseado



6. Cheio



7. Espinha



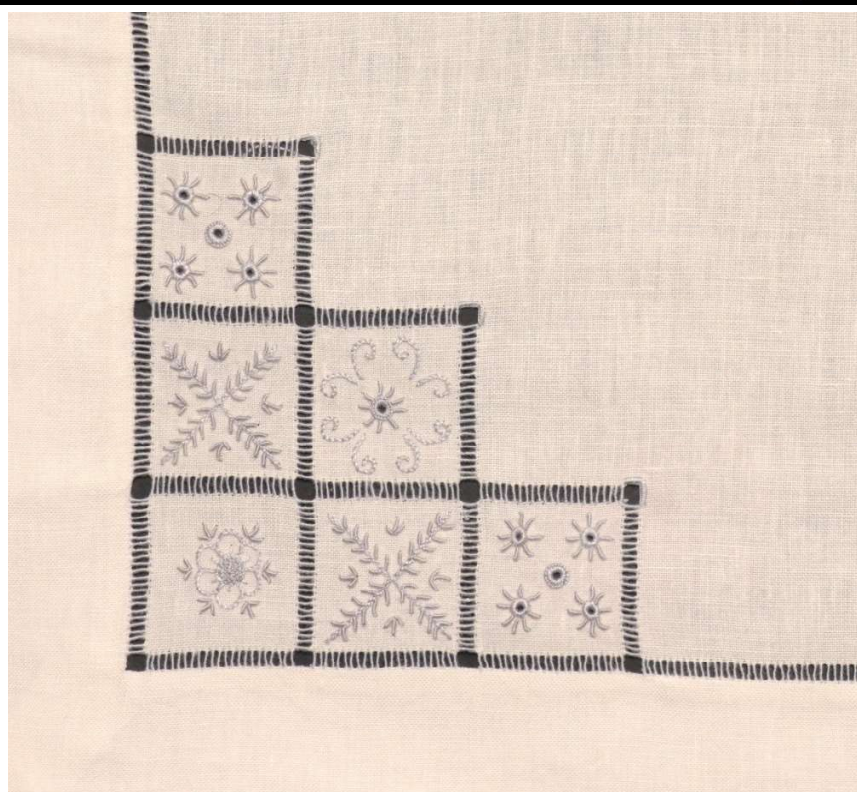
8. Formiga



9. Galo



10. Gradinha



11. Ilhó de recorte



12. Ilhó de rolinho

13. Lançado



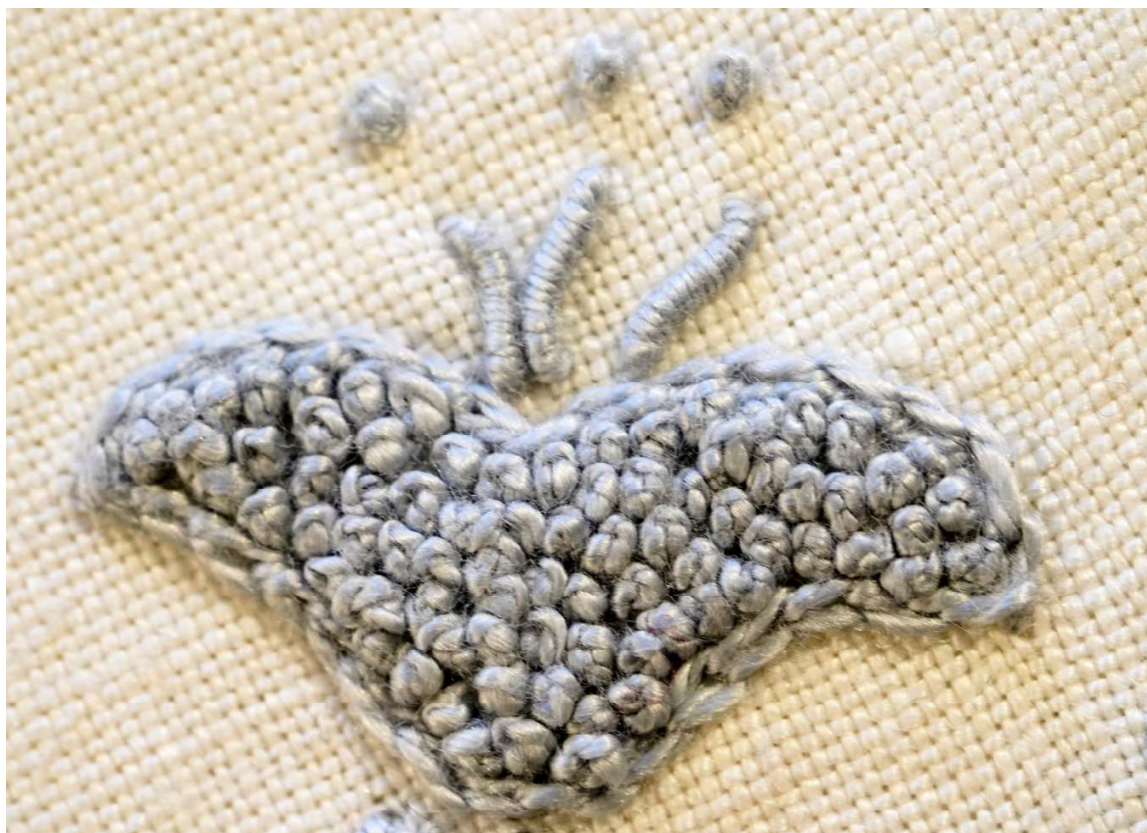
14. Margarida simples



15. Margarida dupla



16. Nozinho



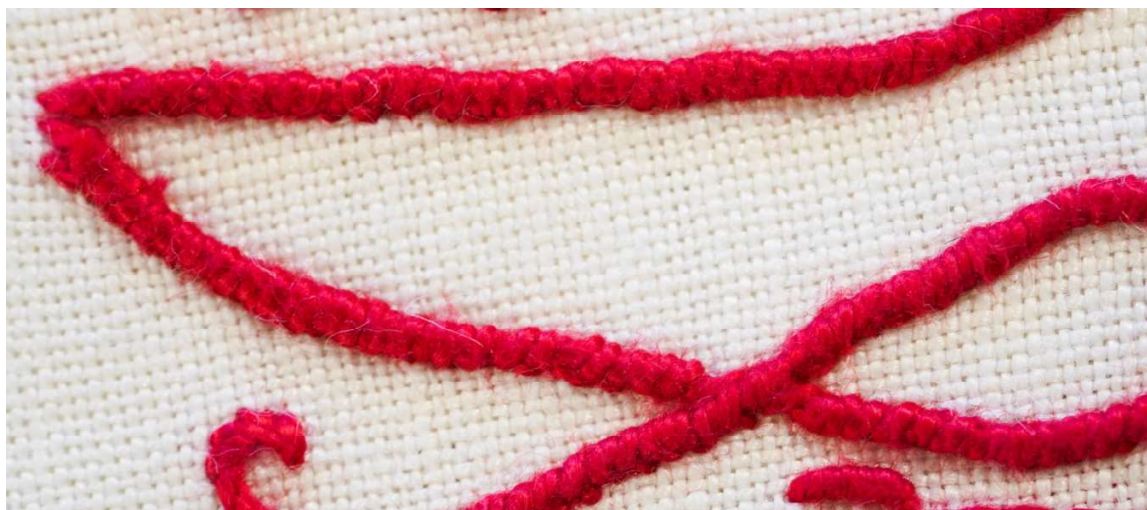
17. Pé-de-flor simples



18. Pé-de-flor duplo



19. Pé-de-flor apanhado



20. Recorte



21. Veludo



6.2. Motivos e composições

Os motivos presentes no Bordado de Guimarães são essencialmente fitomórficos (vegetalistas e florais) sendo que também podem aparecer corações, motivos como cestos, vasos ou albarradas, aves, figuras e símbolos religiosos. Estes motivos aparecem em dois tipos de composições, uma de carácter mais naturalista e outra de carácter mais geométrico, sendo estas as duas mais importantes bases de organização do desenho.

O desenho das composições é muitas vezes simétrico (mas não obrigatoriamente) contribuindo para o destaque dos motivos, organizados de forma harmoniosa.

Resta-nos referir as composições de monogramas em que os vários motivos acompanham e realçam as iniciais de nomes, ou mesmo de pequenas palavras. As letras aparecem trabalhadas num ou vários pontos que lhes conferem relevo, acompanhadas por motivos florais e vegetalistas.

As composições de bordado adaptam-se geralmente ao local da peça que ocupam. Podem ser apresentadas em barras, centros, cantos e outras localizações não específicas (tais como motivos isolados, palavras, monogramas, etc).

De seguida apresentam-se alguns exemplos de composições organizadas pelas categorias “composições de carácter naturalista”, “composições de carácter geométrico” ou “outras composições”. Estes exemplos são meramente indicativos, havendo uma gama infindável de possíveis combinações dos motivos.

Composições de carácter naturalista











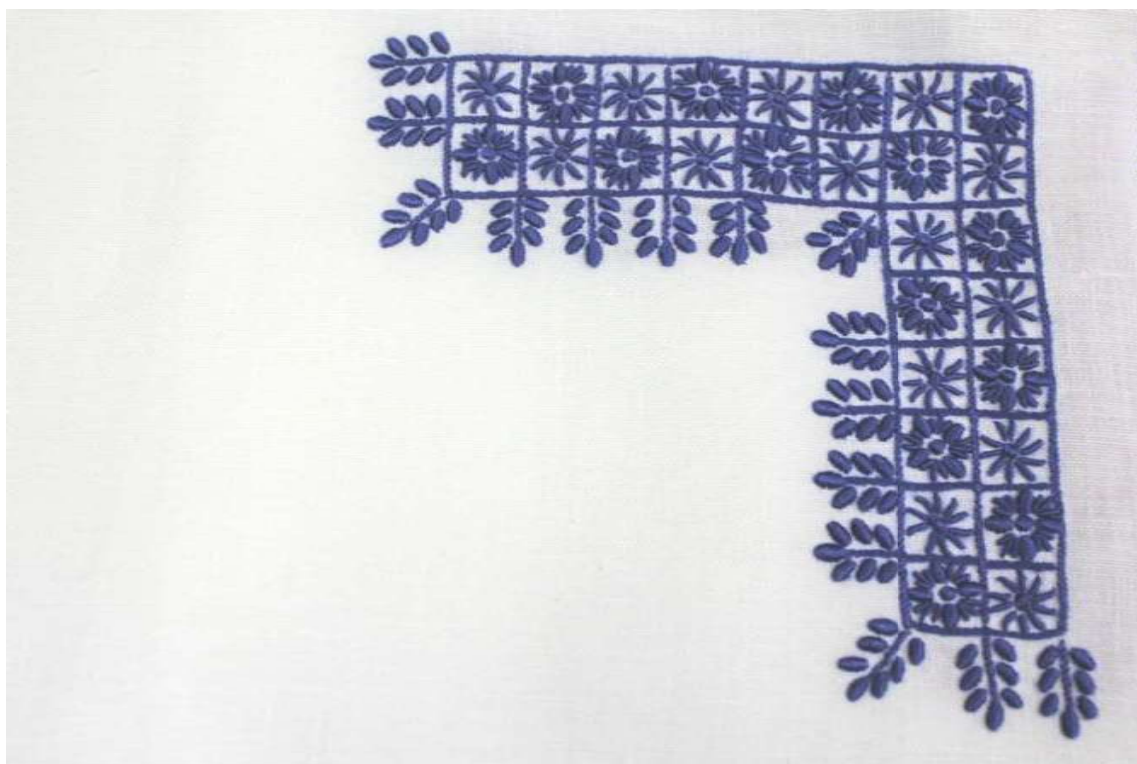
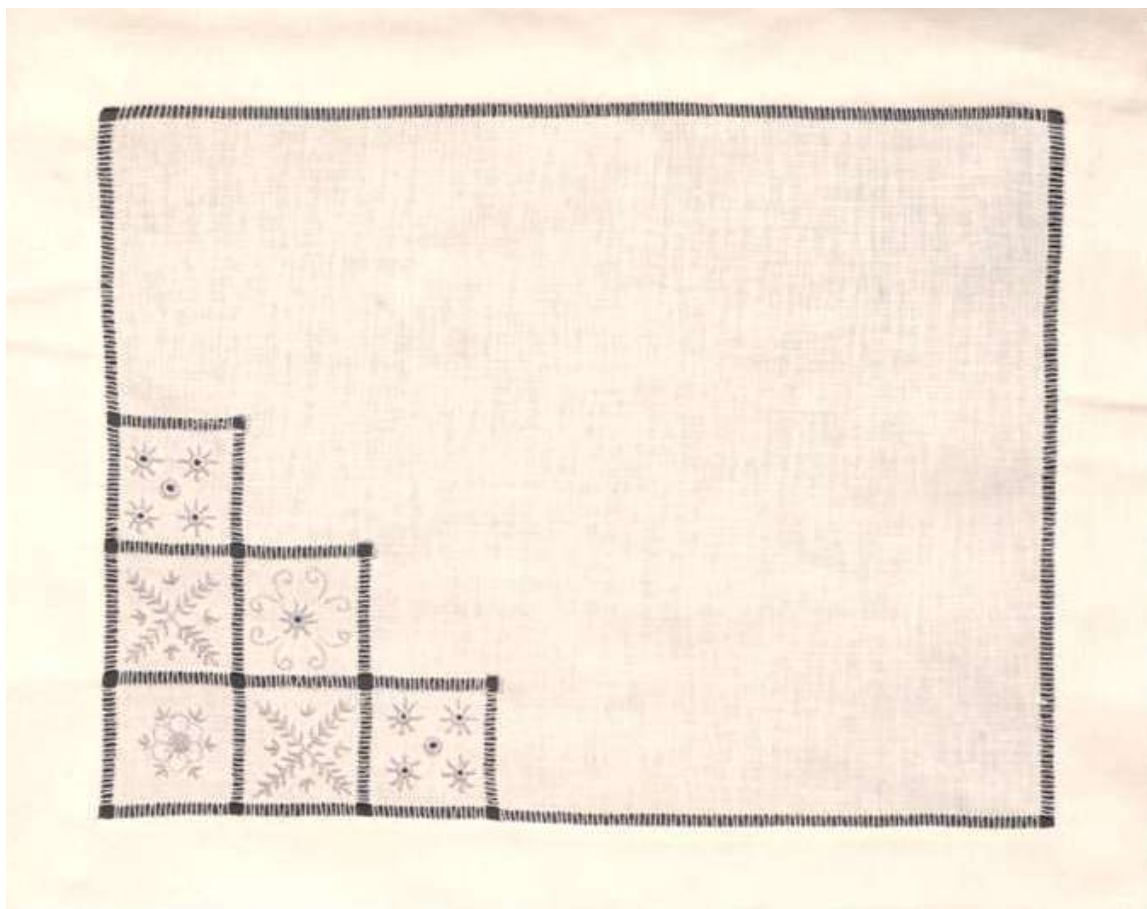






Composições de carácter geométrico





Outras composições









6.4. Remate das peças

Para além dos pontos já especificados é também importante referir o modo como as peças são rematadas.

Os remates usuais utilizam os pontos cadeia, canutilho em V, formiga, galo e pé-de-flor.

As peças podem ainda ser rematadas com bainha aberta, franja, renda (cujo fio não pode ser superior ao nº 20), gradinha, ajour (e bainha) e picot (biquinho).

6.5. Ferramentas utilizadas

Há a considerar as ferramentas básicas de quem trabalha com tecidos: tesoura e fita métrica. Depois há que ter em conta as ferramentas necessárias à elaboração do risco e sua transposição para o tecido a bordar: papel vegetal, lápis, compasso (utensílio para desenhar motivos arredondados nas peças), régua, borracha, papel químico (tipo de papel usado para marcar o desenho a ser bordado no suporte).

Instrumentos para bordar: agulha, dedal, furador (utensílio de metal, osso ou marfim que se emprega para fazer furos ou ilhós), bastidor de aro, pequeno, tesoura de bordar.

6.6. Equipamentos auxiliares

Tábua de passar a ferro, borrifador, ferro de engomar.

7. Condições de inovação no produto e no modo de produção

As condições de inovação no produto e no modo de produção têm que ser claras pois, abrindo-se essa possibilidade, há que garantir a preservação da identidade do Bordado de Guimarães.

- **Suporte/tecido**

A utilização de tecidos, noutras cores que não as tradicionais, pretende ajustar o Bordado de Guimarães às novas tendências do mercado, permitindo a procura de novos rumos para esta icónica produção.

Inovando na cor do tecido base, as cores das linhas deverão ser ao tom do tecido, branca ou preta. Por exemplo, um tecido rosa poderá ser bordado numa linha de tom rosa, ainda que mais claro ou mais escuro, a branco ou a preto.

Excetua-se desta situação o tecido de cor preta que admite ser bordado em qualquer uma das seis cores tradicionais do bordado de Guimarães (branco, preto, vermelho, azul, bege e cinza).

Esta medida visa evitar que se inove, *simultaneamente*, em todos os aspetos do bordado, comprometendo assim a sua identidade.

- **Linhas de bordar**

Quanto à inovação no que diz respeito à utilização de novas cores da linha de bordar, ela é possível desde que estas sejam usadas em motivos e composições tradicionais. Dito de outro modo, as novas cores obedecem a uma característica deste bordado que é o seu assumido monocromatismo, o qual deverá ser seguido à risca, ou seja, trata-se mesmo de usar uma só cor, não sendo permitidas composições em que a mesma cor aparece declinada em várias tonalidades (mais escura, mais clara...). Acresce ainda que, em nenhuma circunstância, a linha matizada é admissível.

- **Composições**

No que diz respeito à criação de novas composições, elas são possíveis desde que os motivos sejam de natureza vegetalista, floral ou geométrica e sejam bordados numa das seis cores tradicionais.

Em resumo:

Salvuarda-se a aceitação de peças inovadoras desde que apenas um fator seja alterado. Se é introduzida uma nova cor na linha, os motivos têm que ser os tradicionais; se existe uma inovação no desenho dos motivos, a sua aplicação tem que ser executada numa das seis cores supracitadas; se há a introdução de cor no suporte, a linha de bordar deverá ser ao tom do tecido, branca ou preta. Excetua-se nesta última situação o tecido de cor preta que admite ser bordado numa das seis cores tradicionais (branco, preto, vermelho, azul, bege e cinza).

As peças desenvolvidas dentro destas condições são consideradas na Categoria Contemporânea.

A etiquetagem da peça distinguirá se se trata de um bordado de Guimarães **tradicional** ou **clássico** ou se é de abordagem **contemporânea** (com introdução de inovação em algum dos seus aspetos). Estes elementos informarão o consumidor se está perante uma peça de bordado de Guimarães tradicional ou inovadora e tornará mais compreensíveis as novas abordagens.



Centro Cultural Vila Flor
Av. D. Afonso Henriques, 701
4810-431 Guimarães
Tel. 253424700
geral@aoficina.pt